

Memórias em retalhos: consumo e nostalgia das roupas de segunda mão

Patchwork memories: consumption and nostalgia of second-hand clothes

Jorgiana Melo de Aguiar Brennand¹
Igor Lacerda²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar nove publicações dos perfis no Instagram (@ederetalhoomeubrecho e @minhacosturaarteira), de Karina Soares, uma costureira arteira e artesã de roupas *retro* que vende peças garimpadas ou produzidas por ela em um brechó online. O intuito é refletir, por meio de seu conteúdo, sobre temas como moda e consumo de roupas de segunda mão; nostalgia envolvida em produtos de brechó; e o entrelaçamento de memórias por meio de peças de retalho, criadas pela costureira. Para atingir o objetivo proposto, foi utilizada como metodologia a análise de narrativas, considerando que essas abordagens promovem uma visão mais abrangente sobre os temas estudados. Em conclusão, evidenciamos a importância das peças de segunda mão e de retalho na preservação de memórias que conectam o passado ao presente, influenciando a estética atual.

Palavras-chave: Memória; Nostalgia; Roupas de segunda mão; Moda; Consumo.

Abstract: This article analyzes nine posts from the Instagram profiles (@ederetalhoomeubrecho and @minhacosturaarteira) of Karina Soares, an artisan seamstress who creates and sells retro clothing through curated and handmade pieces in an online thrift store. The study reflects on themes such as fashion and the consumption of second-hand clothing, the role of nostalgia in thrift-related products, and the intertwining of memories through patchwork garments produced by the artisan. Narrative analysis was employed as the methodological approach, as it enables a more comprehensive understanding of the phenomena under investigation. The findings highlight the significance of second-hand and patchwork garments in preserving memories that connect past and present, shaping contemporary aesthetic expressions.

Keywords: Memory; Nostalgia; Second-hand clothes; Fashion; Consumption.

Introdução

Neste artigo, buscamos refletir sobre a moda e o consumo de roupas de segunda mão. Para isso, analisamos a nostalgia envolvida em produtos de brechó e o entrelaçamento de memórias por meio de peças de retalho, oriundas de roupas antigas e de tecidos que seriam descartados.

Para compreender a nostalgia, recorremos a Boym (1997), Damin e Reis (2021), Becker (2018) e Pickering e Keightley (2020). Esses autores a entendem como uma idealização do passado, marcada por lembranças felizes e pelo desejo de retorno a outras épocas. Também mobilizamos Lanaro (2023), Siqueira (2018) e Vasconcelos e Ávila (2014), que mostram como a nostalgia atua no presente, orientando práticas e sentidos. No consumo de roupas de brechó,

¹ Doutora em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. E-mail: jorgianabrennand@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3210-4133>

² Doutor em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. E-mail: igorlacerdasa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6347-4356>

isso se expressa não apenas na reprodução de estilos do passado, mas na combinação entre peças antigas e vestuário contemporâneo, mobilizando autenticidade, memória e diversidade cultural.

Em relação à memória, as roupas carregam os sentidos atribuídos por lugares, culturas e nacionalidades, além de incorporarem as marcas de seus antigos ou atuais usuários (Stallybrass, 2016; Benarush, 2012). Para aprofundar a compreensão da memória, utilizamos Chauí (2000) e Halbwachs (1990). Eles nos ajudam a entender que cada têxtil traz consigo uma trajetória, uma narrativa que remete às suas raízes históricas, sociais e, portanto, mnemônicas.

Exploramos os conceitos de *vintage* e *retrô*, com base em Rohenkohl (2011). O termo *vintage* refere-se a objetos produzidos no passado e incorporados ao repertório atual, como roupas de segunda mão. Já *retrô* diz respeito a peças contemporâneas inspiradas nas características formais de estilos de épocas anteriores.

Metodologia

Neste trabalho, partimos da compreensão de que as roupas de segunda mão e os retalhos podem constituir suportes de memórias associadas a diferentes tempos, estilos e experiências. Considerando o enfoque comunicacional da pesquisa, interessam-nos as narrativas produzidas em torno desses objetos e os sentidos que elas mobilizam. Para compreendê-las, adotamos a análise de narrativas como abordagem metodológica, considerando a interconexão entre narrativas e consumo na sociedade contemporânea.

Segundo Barbosa e Trindade (2001), as narrativas produzem e disseminam sentidos que influenciam percepções, sensações e formas de agir, ultrapassando a simples descrição de acontecimentos, o que orienta a análise das postagens.

O estudo analisa nove publicações dos perfis @ederetalhoomeubrecho e @minhacosturaarteira, de Karina Soares, costureira e artesã que cria e comercializa roupas *retrô* feitas de retalhos em um brechó online, ativo desde 2013. Os perfis foram selecionados a partir de uma busca exploratória em ambiente digital realizada no Google, TikTok e Instagram, visando a identificar perfis que articulassem explicitamente os eixos analíticos do estudo: memória, nostalgia, roupas de segunda mão, brechós e retalhos. A plataforma TikTok foi descartada devido à baixa representatividade dos perfis estudados³. A seleção considerou a

³ @ederetalhoomeubrecho conta com apenas 17 seguidores e @minhacosturaarteira não possui conta ativa. Os dados foram coletados em 13 abr. 2026.

originalidade das peças, a presença de narrativas visuais e textuais relacionadas aos temas abordados e a visibilidade dos perfis no Instagram, plataforma na qual o *corpus* foi constituído⁴.

A escolha das nove publicações justifica-se pela recorrência de padrões temáticos e visuais nos perfis analisados. Na exploração inicial, chamou atenção a repetição de cenários, poses e composições, sugerindo uma certa regularidade na produção, o que acabou orientando a delimitação do *corpus*.

Por meio de uma abordagem qualitativa, interpretativa e dialógica, buscamos não apenas descrever as publicações de Karina Soares, mas também problematizar, à luz das teorias de memória, nostalgia e consumo, os significados atribuídos às roupas em suas narrativas. Considerando que os sentidos são construídos de forma interativa (Spink, 2010), o estudo volta-se também para as possíveis interpretações produzidas na relação com o público.

Para este artigo, analisaremos nove publicações, sob a forma de imagem, texto ou *reels*, veiculadas entre 27/01/2019 e 03/04/2026. A seleção focou em postagens, que falam diretamente sobre moda; abordam a relevância das peças de segunda mão e evidenciam o consumo nostálgico, explorando o entrelaçamento de memórias contidas nas roupas e nos retalhos. Além das publicações, foram considerados, de forma complementar, comentários de usuários presentes em algumas postagens selecionadas. Esses comentários foram utilizados para ampliar a compreensão das interações e dos sentidos produzidos em torno dos conteúdos estudados. Optamos por analisar as postagens e seus respectivos comentários no decorrer do artigo. A composição do *corpus* está sistematizada na tabela 1, que apresenta as postagens selecionadas, considerando data, perfil, tipo e temática central.

⁴ Optou-se pelo Instagram, pois os perfis apresentam maior visibilidade: aproximadamente 38 mil seguidores em @ederetalhoomeubrecho e 4,4 mil em @minhacosturaarteira, somando cerca de 6,8 mil publicações. Os dados foram coletados em 13 abr. 2026.

Tabela 1 - Detalhamento do *Corpus*

Data	Perfil	Tipo de postagem	Formato	Tema Central
27/01/2019	@minhacosturaarteira	Imagem	1 foto	Estética lúdica e nostalgia
11/02/2022	@ederetalhoomeubrecho	Reel	1 vídeo	Entrelaçamento de memória
30/11/2022	@ederetalhoomeubrecho	Reel	1 vídeo	Afeto e memória
30/11/2022	Ambos	Carrossel	10 fotos	Processo criativo
08/02/2023	@ederetalhoomeubrecho	Carrossel	9 fotos	Autenticidade
12/02/2023	@minhacosturaarteira	Carrossel	6 fotos	Registro de venda
08/05/2023	@ederetalhoomeubrecho	Imagem	1 foto	Afeto e interação
19/01/2024	Ambos	Carrossel	4 fotos	Estética retrô
03/04/2026	@ederetalhoomeubrecho	Carrossel	11 fotos	Poses performáticas

Fonte: Autores (2026)

Embora a tabela 1 apresente as postagens em ordem cronológica, a análise no texto não segue essa sequência. Os *posts* são retomados a partir de aproximações temáticas, em diálogo com os autores mobilizados ao longo do artigo. Ainda que com diferentes níveis de aprofundamento, todas as publicações do *corpus*⁵ são mobilizadas ao longo da análise.

Moda e consumo de roupas de segunda mão

Em um contexto dinâmico, é uma visão restritiva observar a moda como algo que se limita à criação de enfeites estéticos. Ela é pulsante, viva, empoderadora e um espaço para discussões políticas, culturais, econômicas e sociais, embora ainda prevaleçam abordagens que exploram a efemeridade, a inovação e o seu caráter distintivo, conforme observado em Lipovetsky (2009). Para o filósofo francês, os objetos não passam de expoentes de classe, que funcionam como signos de mobilidade e aspiração social. De acordo com o autor, a efemeridade e a inovação sistemática servem apenas para reproduzir a diferenciação social, reforçando o caráter distintivo da moda.

Simmel (2008), ao propor a teoria *Trickle-Down* na primeira década do século XX, apresenta a dinâmica da moda por meio de dois processos antagônicos: o da diferenciação e o da imitação (emulação). Enquanto o primeiro objetiva distinguir, o segundo pretende

⁵ As publicações analisadas pertencem a perfis públicos do Instagram e permaneciam disponíveis para consulta no momento da realização da pesquisa. A identificação das postagens foi realizada a partir dos perfis, das datas de publicação e das informações apresentadas na Tabela 1.

homogeneizar. Ainda que sejam considerados distintos, os processos estão entrelaçados. Se há imitação, haverá um processo de diferenciação, e o inverso também é verdadeiro, sugerindo a moda como um fenômeno cíclico.

Na contemporaneidade, embora grande parte das discussões sobre moda esteja voltada aos processos de produção e às formas de consumo, permanece um aspecto central: sua capacidade de revelar como os indivíduos percebem suas posições sociais e negociam fronteiras de status. Contudo, a moda já não se explica apenas por essa lógica, sendo atravessada por múltiplos fatores que refletem a diversidade de identidades e preferências em uma sociedade cada vez mais heterogênea. Nesse contexto, ela acompanha e expressa as transformações culturais e sociais do contemporâneo.

Observamos uma maior flexibilização das normas de vestir, reconfigurando a lógica proposta pela teoria *Trickle-Down* e indicando que os consumidores já não são percebidos apenas como indivíduos que copiam os líderes de moda (Crane, 2013). Para a autora, são pessoas que selecionam e (re)criam seus estilos a partir de sua própria noção de identidade, fazendo com que a moda não seja mais apresentada como uma imposição para o indivíduo. Ele é livre para decidir o que, quando e como consumir vestuários, estilos e acessórios.

A variedade de tendências permite às pessoas buscarem alternativas criativas para a composição do vestuário. Muitos indivíduos, principalmente os que fazem parte da geração Z⁶, estão recorrendo ao consumo de peças de segunda mão — a maioria encontrada em brechós — como estilo pessoal: “Diferentemente das gerações anteriores, a Z tem outra relação com os bens materiais. Priorizam a experiência, a flexibilidade e o respeito à Terra, e nada do luxo pelo luxo. É um consumidor que preza muito mais a liberdade do que o status” (França, 2025).

Esse movimento reforça a importância de pensar o consumo de moda para além do impulso imediato, indicando práticas mais reflexivas. No caso das roupas de segunda mão, essa escolha costuma vir acompanhada de sentidos que ultrapassam a funcionalidade, envolvendo memórias, afetos e formas de identificação. Esse contexto desmistifica a ideia de que o consumo se limita ao “simples exercício de gostos, caprichos e compras irrefletidas, segundo os julgamentos moralistas, ou atitudes individuais, tal como costumam ser explorados pelas pesquisas de mercado” (Canclini, 2008, p. 60). O consumidor contemporâneo demonstra uma

⁶ Jovens nascidos entre 1995 e 2010. Informações disponíveis em: <https://mindminers.com/blog/quem-e-a-geracao-z-caracteristicas/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

menor sensibilidade aos estímulos das marcas, optando por não realizar compras sem avaliar criteriosamente o impacto de suas ações.

O interesse por peças antigas também parece dialogar com um certo cansaço diante do excesso de novidades e apelos comerciais (Erner, 2005). Nesse contexto, o *vintage*, entendido como peças do passado incorporadas ao presente (Rohenkohl, 2011), ganha força, levando muitos consumidores aos brechós⁷, hoje também reconhecidos como negócios criativos e lucrativos. Como indicam dados recentes do relatório anual *Resale Report*, da plataforma de revenda online ThredUp, o mercado global de roupas de segunda mão deve alcançar US\$ 393 bilhões até 2030, o que corresponde a aproximadamente 10% dos gastos globais com vestuário (Hungria, 2026). No Brasil, estima-se que o mercado de itens de moda usados possa crescer de 15 a 20%, ultrapassando o valor do mercado de *fast fashion* até 2030 (Chalegra, 2023).

Os brechós ganham destaque ao reunir roupas e acessórios de diferentes épocas, que carregam valores, ideias e experiências de outros momentos. Quando essas peças são incorporadas ao presente, evidenciam que a moda se constrói a partir de referências do passado, capazes de comunicar sentimentos e modos de vida (Barnard, 2003). Nesse contexto, as compras em brechós também envolvem dimensões afetivas, que se formam nas experiências compartilhadas e nas relações estabelecidas com o outro, entendendo o afeto como “capacidades que emergem no estar junto, em comunhão com o outro, numa dimensão sensível onde singularidades emergem” (Santos, 2016, p.17).

Essa dimensão afetiva se materializa nas práticas e narrativas de agentes da moda autoral, como no caso de Karina Soares. Em uma das publicações, objeto de análise do artigo, a costureira usa um vestido todo de retalho, ao lado de araras com roupas em cores vibrantes e modelos que remetem a décadas passadas. Algumas peças são em retalho também, principal característica do brechó da artesã. No *post*, a costureira está em uma feira e aproveita para agradecer a oportunidade por estar ali e de ser “reconhecida com carinho por pessoas que acompanham o brechó e passaram me dizendo o quão mágico acham meu trabalho”. A postagem, feita no perfil @ederetalhoomeubrecho, em 08/05/2023, revela o afeto nas compras de roupas de segunda mão, materializado na legenda da costureira e em alguns dos 36 comentários alusivos ao *post*:

⁷ Os brechós são definidos, pelo Portal Sebrae, como lojas de artigos usados, onde se revendem principalmente roupas, calçados, artigos como bolsas, bijuterias e objetos de arte. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/brechos-atendem-as-mudancas-do-mundo-da-moda,b3c1080a3e107410VgnVCM1000003b74010aRCRD>. Acesso em: 14 abr. 2026.

Você arrasa mt ❤️

Linda, carismática e talentosa. Uma peça mais linda que a outra! 💙

Parabéns Karina, seu trabalho é bem legal!

Os comentários destacados acima sugerem que as criações de Karina Soares despertam vínculos emocionais, evidenciando o papel do afeto na relação estabelecida entre a artista e seu público. Em consonância com Santos (2016), o estar junto e a comunhão constituem experiências sensíveis capazes de fazer emergir singularidades. No contexto deste estudo, essa perspectiva é aplicada às interações estabelecidas no Instagram, cuja análise será aprofundada nas seções seguintes.

A nostalgia no consumo de roupas de segunda mão

A nostalgia é uma sensação de saudade idealizada pelo já vivido. É uma romantização do passado, impulsionada por lembranças felizes, e um desejo de regresso a tempos já vivenciados (Boym, 1997). A palavra nostalgia tem origem em duas raízes gregas: *nostos*, que significa voltar à casa, e *algia*, que denota anseio: “Eu a definiria como um desejo por um lar que não existe mais ou nunca existiu. Nostalgia é um sentimento de perda e deslocamento, mas é também uma fascinação com a própria fantasia” (Boym, 1997, p. 153).

Geralmente, a nostalgia implica uma recusa em aceitar a irreversibilidade do tempo, o que atormenta cada vez mais a sociedade contemporânea: “Em um sentido ainda mais amplo, a nostalgia é uma revolta contra a ideia moderna de tempo, o tempo da história e do progresso” (Boym, 2017, p. 154). Segundo Damin e Reis (2021), a pessoa nostálgica vive imersa em lembranças do passado, buscando relembrar experiências e emoções experienciadas anteriormente. Essa conexão afetiva pode trazer conforto, mas também pode criar um contraste sufocante entre o passado e o presente.

Para Becker (2018), a nostalgia consolidou-se como uma narrativa dominante tanto no discurso público quanto na pesquisa acadêmica, sendo mobilizada para explicar tendências em campos diversos, como cultura popular, moda, tecnologia e política. Ao discutir esse fenômeno, Boym (1997) enfatiza seu caráter subjetivo, compreendendo a nostalgia como uma construção da imaginação que atravessa e influencia os domínios da política, da história e da vida cotidiana. Pickering e Keightley (2020), por sua vez, destacam sua relação com a temporalidade, uma vez que ela envolve o desejo por aquilo que se tornou inalcançável diante da irreversibilidade do tempo.

No entanto, a compreensão da nostalgia restrita a essa dimensão de perda mostra-se limitada, pois o fenômeno não se reduz a sentimentos de arrependimento ou melancolia. Ao contrário, a nostalgia também pode mobilizar reflexões e reinterpretações do passado que atuam de maneira produtiva no presente, influenciando formas de percepção e projeções de futuro.

Em vez de simplesmente descartar a nostalgia como um conceito, talvez seja mais adequado reconfigurá-la considerando a “distinção entre o desejo de retornar a um estado anterior ou passado idealizado, e o desejo de não retornar, mas de reconhecer aspectos do passado como base para a renovação e satisfação no futuro” (Pickering; Keightley, 2020, p. 9). Para os autores, nostalgia pode assumir duas perspectivas. A primeira é melancólica e traz sentimentos de saudade e tristeza em relação ao passado. A segunda é utópica e idealiza um retorno a um tempo considerado mais positivo ou desejável.

A procura por mercadorias de brechós, especialmente roupas de segunda mão⁸, demonstra que as pessoas estão em busca de referências do passado, desejando reviver lembranças de épocas que permanecem idealizadas e repletas de saudades. Para Morais *et al.* (2015), a busca por mercadorias antigas revela uma tentativa de reviver lembranças de uma época que não é delas. Para os autores, essa ânsia pelo consumo de objetos nostálgicos pode refletir uma tendência contemporânea de idealização do passado, muitas vezes desconectada da realidade histórica, e impulsionada por uma nostalgia que romantiza certas épocas e experiências.

Ocorre, portanto, o que pode ser denominado como consumo de nostalgia, em que os consumidores buscam uma conexão com o passado ao adquirirem roupas, adereços e sapatos antigos vendidos em brechós. A prática vai além de simplesmente imitar o estilo passado. Esse tipo de consumo também é uma poderosa forma de expressão individual, ao mesmo tempo em que celebra a riqueza da história e a diversidade das experiências humanas. É comum Karina Soares, nos perfis @ederetalhoomeubrecho e @minhacosturaarteira, apresentar suas peças como *retrô*, conectando-as a um outro período histórico, como os anos 1980, pelas cores vibrantes, estampas, ombreiras e acessórios em *neon* (Lanaro, 2013).

As fotos publicadas no Instagram também podem ser consideradas uma manifestação *retrô* da nostalgia na produção visual, pois fazem referências ao passado, simulando aspectos analógicos numa imagem digital (Vasconcelos; Ávila, 2014). Segundo os autores, isso ocorre

⁸ É comum que, no uso cotidiano, roupas de segunda mão comercializadas em brechós sejam genericamente denominadas *vintage*. Neste artigo, contudo, emprega-se o termo *vintage* conforme a definição apresentada por Rohenkohl (2011).

por meio do uso de filtros de cor para adicionar tons *vintage* e texturas para imitar a aparência das fotos em filme, além de efeitos de luz e brilho para criar uma atmosfera nostálgica. A adição de elementos de imperfeição, como ruídos e riscos, também é comum nesse estilo.

A composição das fotos e a inclusão de objetos *vintage* na cena constituem práticas recorrentes para a construção de uma estética *retrô*. Os perfis analisados neste artigo evidenciam o uso desse recurso, sendo frequentes postagens em que Karina aparece em cenários marcados pela presença de um espelho antigo e, ao fundo, um armário de madeira que remete ao mobiliário dos anos 1950.

Em um carrossel veiculado nos dois perfis, em 19/01/2024, a costureira usa uma calça de retalhos — característica recorrente em suas criações — em um ambiente repleto de elementos *vintage* para reforçar o tom *retrô* da postagem, revelando que a nostalgia não se restringe às dinâmicas de consumo em brechós.

A disposição dos elementos na imagem, que envolve enquadramento, cores, proporção e escala, contribui para evocar uma atmosfera de tempos passados. Mesmo sendo digitais, essas imagens, assim como outras encontradas nos *feeds* analisados, despertam uma nostalgia semelhante à associada às fotografias produzidas por antigas câmeras analógicas. Esse fenômeno pode ser compreendido à luz de um movimento contemporâneo relacionado à saturação da exposição fotográfica na internet e à valorização de estéticas nostálgicas (Vasconcelos; Ávila, 2014).

A questão da autenticidade também transparece nas legendas das fotos dos dois perfis, revelando que a criadora já percebeu o desejo de seu público por peças únicas e exclusivas. Em outro carrossel analisado, veiculado em 08/02/2023, no perfil @ederetalhoomeubrecho, Karina usa um colete em jeans que remete à moda dos anos 1980. O tom autoral da criação se evidencia nas nove imagens, com destaque para as mangas, confeccionadas em retalhos. Na legenda, a costureira reforça a exclusividade da jaqueta: “Peças *vintage* com aplicação de mangas feitas de mantas de retalhos antigas. Peças incríveis e únicas. Arte em roupas! 🧡”

O carrossel do colete com mangas de retalhos também foi publicado no perfil @minhacosturaarteira, em 12/02/2023, com seis imagens, diferentemente da versão do @ederetalhoomeubrecho, que conta com nove. Essa é uma prática comum nas postagens de Karina: conteúdos publicados em um perfil costumam aparecer no outro, e vice-versa. Em alguns casos, a publicação acontece ao mesmo tempo nos dois perfis, como no carrossel analisado de 19/01/2024.

Por si só, comprar roupas em brechós já confere uma certa autenticidade aos consumidores, uma vez que essas peças possuem uma história prévia e única (Siqueira, 2018). Mas, no caso específico das roupas *retro*, essa autenticidade é ampliada, pois essas peças evocam diretamente o estilo e a moda de épocas passadas, trazendo consigo a essência e a nostalgia de décadas anteriores (Siqueira, 2018).

As referências exploradas nos perfis analisados, além daquelas usadas nas fotografias postadas, também estão nas descrições das peças expostas. A maioria é precedida pela expressão: “Minha costura arteira da vez...”, conforme evidenciado na publicação, veiculada nos dois perfis, em 30/11/2022. Na postagem, composta por um carrossel formado por 10 imagens, Karina aparece usando uma jaqueta de retalhos em frente a uma parede branca, sem nenhum móvel aparente. Na legenda, escreve: “Minha costura arteira da vez: jaqueta *bomber* de retalhos, feita com uma manta antiga de retalho”. Como a costureira usa os dois perfis para comercializar as peças que cria, a legenda traz ainda informações sobre tamanho, preço e outras características da roupa.

Em consonância com Moraes *et al.* (2015), observa-se o entrelaçamento de memórias nostálgicas. De um lado, estão as de Karina, presentes nos retalhos de uma manta antiga. Do outro, as memórias de pessoas cujas roupas, carregadas de lembranças, foram parar em brechós e depois convertidas em matéria-prima pela artesã.

A artesã dos retalhos: o entrelaçamento de memórias na criação autoral

Como pessoas, as roupas possuem uma identidade cultural, social, nacional e carregam memórias de um tempo (Benarush, 2012). Por si só, as roupas revelam “detalhes da construção, do tecido e da técnica, assim como a tecnologia envolvida na sua produção”, como esclarece Benarush (2012, p. 114). Por outro lado, as vestimentas também materializam o passado, dando reflexos da sociedade, com seus aspectos sociais e ideológicos, que a produziu e vestiu. A roupa, portanto, não deve ser pensada apenas por sua técnica e construção, mas por seu aspecto simbólico e, principalmente, mnemônico.

Em se tratando especificamente da memória, as roupas não carregam apenas os sentidos atribuídos por lugares, culturas e nacionalidades, elas também contêm as marcas significantes atribuídas por seus usuários antigos. Segundo Stallybrass (2016, p. 10), “a magia da roupa está no fato de que ela recebe: recebe nosso cheiro, nosso suor, recebe até mesmo a nossa forma, assim como os púidos nos cotovelos de uma jaqueta ou em uma manga eram chamados de memórias”.

Embora Flugel (1966) afirme que as roupas servem apenas para decorar, proteger e assegurar o pudor, destacamos uma quarta função: produzir recordações. Afinal, para Chauí (2000), a memória é uma evocação do passado, servindo ao desejo humano de reter e guardar o tempo que se foi e não volta mais, buscando, assim, livrá-la do completo esquecimento. Concordamos, portanto, quando Chauí (2000, p. 158) diz que “a lembrança conserva aquilo que se foi e não retornará jamais”.

Diferentemente da autora que compreende a memória como um fenômeno individual, Halbwachs (1990) a define como um fenômeno social. Para o autor, as lembranças de um indivíduo resultam da articulação entre diferentes grupos dos quais faz parte, como família, amigos, escola, trabalho e comunidades religiosas. Nesse sentido, ele distingue duas dimensões: a individual e a coletiva, sendo esta última vinculada às interações sociais e às narrativas compartilhadas. Assim, os indivíduos recordam o passado a partir de suas relações sociais e de sua inserção em contextos históricos específicos. A construção dessas lembranças, portanto, depende do envolvimento dos sujeitos. Caso contrário, não se sustenta (Halbwachs, 1990).

No universo construído em @ederetalhoomeubrecho e @minhacosturaarteira, as roupas de retalhos se revelam muito mais do que simples peças de vestuário, conforme evidenciado nas postagens selecionadas e analisadas anteriormente. Elas são um verdadeiro encontro com a história, um reflexo das identidades culturais, sociais e nacionais que se entrelaçam em peças únicas.

Esse entremeamento de memórias é tema recorrente nas postagens e vídeos publicados nos dois perfis. Nesse sentido, dois *reels* chamam a atenção. Em um deles, Karina aparece deslizando em uma parede branca de um apartamento, usando uma jaqueta de retalhos.⁹ Não há música. O vídeo, com 4311 visualizações¹⁰ e nenhum comentário, foi publicado em 30/11/2022, apenas no perfil @ederetalhoomeubrecho, com a seguinte legenda: “o sentimento de abraço de uma jaqueta com história”, a partir de retalhos retirados de outras peças carregadas de lembranças. Essa acaba sendo mesmo a sensação de usar uma roupa criada a partir de outras. Não é possível separar esse entrelaçamento de memórias, afetos e nostalgias.

No outro vídeo, Karina aparece dançando com uma saia de retalhos em uma sala cheia de elementos *vintage* como uma mesa e o armário de madeira pintado de amarelo bem claro já referenciado em outras análises. Interessante destacar que a costureira dança ao som do forró

⁹ Esta é a mesma jaqueta que foi usada em um carrossel com 10 imagens publicado em ambos os perfis em 30/11/2022 e que foi analisado na seção **A nostalgia no consumo de roupas de segunda mão.**

¹⁰ Informação coletada no perfil @ederetalhoomeubrecho, em 14 abr. 2026.

Barbatuques, da banda Baião Destemperado. A escolha de uma música nordestina chamou a atenção, assim como o uso de uma peça em retalhos, que pode ser interpretado como uma possível referência à cultura nordestina, historicamente associada a esse tipo de produção têxtil. O vídeo, com 5283 visualizações e 23 comentários¹¹, foi publicado em 11/02/2022, apenas em @ederetalhoomeubrecho, acompanhado da seguinte legenda: “#upcycling que fala né? Saia feita de uma manta de retalho antiga. Envelope, pra te amarrar em suas novas histórias com ela. 🧡”. O *reel* reforça a função da moda como produtora de recordações, contrariando Flugel (1966) quando este afirma que roupas servem apenas para decorar, proteger e assegurar o pudor. No caso das roupas de brechó, acrescentamos mais uma função: contar novas histórias a partir de velhas narrativas, impregnadas às peças antigas. Nessa análise, o comentário de uma seguidora também chamou a nossa atenção: “Me vi nessa saia, lembrei da minha avó paterna Dona Marina ❤️”. Essa observação enfatiza o poder evocativo de uma peça que nos transporta para criações de tempos passados, resgatando memórias de forma marcante.

Essa dimensão afetiva também se articula ao modo como as criações são concebidas pela artesã. Na biografia do perfil @minhacosturaarteira, Soares questiona se uma mistura de retalhos pode se tornar uma obra de arte em forma de roupa, indicando que essa definição depende do olhar de quem vê. No entanto, ao incorporar essas peças ao cotidiano, os consumidores não estão apenas envolvidos por tecidos, mas por uma teia de memórias que também pode ser compreendida como expressão artística.

Karina não se define como costureira. Ela costuma se chamar de arteira, pois pensa em suas roupas como peças de arte, conforme revela neste trecho da entrevista concedida ao Portal G1, em 17/04/2023: “Me visto de mim, me visto das minhas ideias, da minha criação, de cores que alegram e mostram vida. Acredito nesse tipo de viés, de vestir pessoas de arte, de mostrar a arte que elas querem passar” (Ramos, 2023).

Além de arteira, Karina também se define como artesã de roupas *retrô*. Ao enfatizar o uso de retalhos antigos, a costureira evidencia um processo de criação que transforma materiais descartados em recipientes de novas lembranças. Mas, é inegável que, ao vestir uma dessas criações, os consumidores não são apenas envoltos por tecidos, mas por uma teia de memórias, que também podem ser consideradas obras de arte¹².

¹¹ Informações coletadas no perfil @ederetalhoomeubrecho, em 14 abr. 2026.

¹² Neste artigo não iremos aprofundar a discussão das roupas como obras de arte. Entendemos se tratar de uma questão importante a ser abordada em outro trabalho. No presente estudo, vamos nos ater à memória e à nostalgia associadas às roupas de segunda mão.

Performance, ludicidade e estética da artesã

Outra característica observada nos perfis analisados é o uso de poses divertidas e teatrais como se Karina fosse uma boneca. Em várias fotos publicadas em @minhacosturaarteira e @ederetalhoomeubrecho, a artesã referencia o universo lúdico e infantil, tornando-se evidente a associação com a boneca Emília, do Sítio do Picapau Amarelo, também marcada pelo uso de retalhos.

Essa associação pode ser observada na postagem de 27/01/2019, no perfil @minhacosturaarteira, na qual elementos como maquiagem, figurino e composição visual remetem à personagem de Monteiro Lobato. As *hashtags* utilizadas na legenda (#costuraartesanal #costuraamor #artesanato #minhacosturaarteira #compradequemfaz #feitoamao) reforçam o caráter artesanal e autoral do trabalho, mesmo na ausência de um texto descritivo.

Essas estratégias visuais e performáticas evidenciam a construção de uma estética lúdica e autoral, na qual a figura da “boneca” não aparece explicitamente, mas se constitui como um elemento recorrente na performance visual da artesã.

Esse aspecto se intensifica em outras publicações do perfil, como no carrossel com 11 imagens de um colete de *patchwork*, publicado em 03/04/2026 apenas no perfil @ederetalhoomeubrecho, no qual Karina posa em frente ao espelho, produzindo efeitos de duplicação da imagem e reforçando uma encenação visual que remete ao passado.

As poses variam, mas muitas vezes trazem os braços abertos e o corpo mais rígido, o que reforça um aspecto performático e aproxima a artesã de uma espécie de “boneca viva”. Essa forma de apresentar a peça se assemelha à maneira como Karina entende o brechó. Para ela, trata-se de um espaço de experimentação e teatralidade (Ramos, 2023). Ao mesmo tempo, a legenda segue um tom mais direto, com informações sobre tamanho, medidas e preço. Nesse carrossel, tornou-se evidente a tentativa de apresentar as roupas como elementos cênicos de um grande espetáculo que mistura poses divertidas, expressões lúdicas e performances, que intensificam a teatralidade da cena.

Considerações finais

Os achados do estudo indicam que o consumo de roupas de segunda mão, especialmente quando mediado por narrativas digitais, vai além de uma prática estética, articulando memória, identidade e diferentes temporalidades. Nesse sentido, as postagens analisadas mostram que o

Instagram não funciona só como ferramenta de divulgação. Ele também produz sentidos, que se organizam de formas diferentes dependendo da narrativa. Os resultados sugerem também que, no contexto investigado, a nostalgia não aparece apenas como evocação do passado, mas como uma estratégia comunicacional que produz valor simbólico no presente.

As postagens analisadas evidenciam uma abordagem criativa da moda autoral, marcada por estilo próprio, autenticidade e uma visão pessoal de criação, em contraste com as tendências massificadas do *fast fashion*. Ao longo do artigo, buscamos compreender como as roupas de segunda mão carregam histórias e acionam formas de consumo que valorizam singularidade e significado em um cenário de crescente padronização.

No caso de Karina Soares, as publicações analisadas revelam que a artesã, ao tecer um elo entre o passado e o presente por meio de suas peças de retalhos, oferece novas possibilidades de expressão estética. Afinal, ao escolher suas vestimentas, o indivíduo transmite uma mensagem carregada de significados que se encaixam ou não ao contexto social e histórico em que está inserido.

Uma roupa de segunda mão é, portanto, muito mais do que uma simples peça doada ou adquirida em um brechó. É, sobretudo, um objeto atravessado por camadas de memória, experiência e elementos nostálgicos. Essa perspectiva exige compreender a jornada da peça, observando que, uma vez adquirida, essa vestimenta passará a acumular novas biografias. Em tal processo, o objeto permanece o mesmo. O que muda é a relação com os corpos e usos que lhe confere vida e singularidade.

As produções da costureira arteira ganham significado ao transformar retalhos oriundos de peças antigas de seu próprio acervo em criações carregadas de sentidos. O projeto constrói uma narrativa rica e nostálgica, entrelaçando diferentes épocas, culturas, cores, estampas e materiais, e transformando as peças em manifestações artísticas que conectam passado e presente na moda autoral.

Cada roupa, criada por Karina Soares, sugere uma narrativa que reflete não apenas escolhas estéticas, mas também vivências, emoções e valores. Quando essa roupa é comprada, os consumidores podem incorporar, em alguma medida, a história que carregam, já que as roupas também operam como formas de comunicação de identidades e pertencimentos sociais e culturais. Dessa forma, reafirma seu papel como suporte de memória e de produção de sentido no presente.

Referências

BARBOSA, Ivan Santo; TRINDADE, Eneus. A narrativa publicitária: a metáfora perversa da fada madrinha. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. **Anais [...]**.

BARNARD, Malcom. **Moda e comunicação**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BECKER, Tobias. The meanings of nostalgia: genealogy and critique. **History and Theory**, v. 57, n. 2 (jun. 2018), p. 234-250.

BENARUSH, Michelle Kauffmann. A memória das roupas. **dObras**, [S. l.], v. 5, n. 12, p. 113-117, 2012.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da Historiografia**. Ouro Preto (MG): Edufop, número 22, abril, 2017, p. 153-165.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

CHALEGRA, Jéssica. **Produtos usados ganham espaço e crescem no varejo**. In: Revista Consumidor Moderno, 19/10/2023. Disponível em: <https://consumidormoderno.com.br/varejo-segunda-mao/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CRANE, Diane. **A moda e seu papel social** – classe, gênero e identidade das roupas. 2. ed. São Paulo (SP): Senac, 2013.

DAMIN, Marina Leitão; REIS, Alyne Fernanda. Da nostalgia ao futuro: o passado como memória afetiva da cidade na imaginação de um futuro pós-pandêmico. **TOMO**, n. 38, p. 119-146, 1 jan. 2021.

ERNER, Guillaume. **Vítimas da moda?**: como a criamos, por que a seguimos. São Paulo: Senac São Paulo, 2005.

FLUGEL, J. C. **A psicologia das roupas**. São Paulo: Mestre Jou, 1966.

FRANÇA, Valéria. A segunda mão é um luxo: como a geração Z faz crescer o mercado de brechós. In: **Revista Veja**, 9/11/2025. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/a-segunda-mao-e-um-luxo-como-a-geracao-z-faz-crescer-o-mercado-de-brechos/>. Acesso em: 14 abr. 2026.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HUNGRIA, Carol. Mercado global de segunda mão deve chegar a US\$ 393 bilhões até 2030. **Portal CH News**, 06/04/2026. Disponível em: <https://www.chnews.com.br/mercado-global-de-segunda-mao-deve-chegar-a-us-393-bilhoes-ate-2030/>. Acesso em: 13 abr. 2026.

LANARO, Janaina Thaís. **A estampa como meio de diferenciação e comunicação da cultura brasileira**. 2013. p. 120. Dissertação de Mestrado – Design e Comunicação de Moda, Universidade do Minho, Braga – Portugal, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero** – a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MORAIS, Aline Sardinha Cordeiro *et al.* Design Retrô e Marketing do Saudosismo: Influência da tendência nostálgica no comportamento de consumo. **Vértices**, v. 17, n. 3, p. 215–233, 2016.

PICKERING, Michael; KEIGHTLEY, Emily. As modalidades da nostalgia. Tradução de Mozahir Salomão Bruck e Carolina Lopes. In: **Dispositiva**. [on-line], v 9, n 15, Belo Horizonte, julho de 2020, p. 7-33.

RAMOS, Pâmela. Donas de brechó buscam inovar com fotos criativas de roupas e prezam pela história das peças: 'Moda interligada à arte'. **Portal G1 Sorocaba e Jundiaí**, 17/04/23. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/sp/sorocaba-jundiai/noticia/2023/04/17/donas-de-brecho-buscam-inovar-com-fotos-criativas-de-roupas-e-prezam-pela-historia-das-pecas.ghtml>. Acesso em: 23 jul. 2023.

ROHENKOHL, Raquel Andressa Stefeni. Design retrô: um desafio da contemporaneidade em reconhecimento ao passado. **Unesc & Ciência – ACSA**, Joaçaba (SC), v. 2, n. 2, p. 147-153, jul./dez. 2011.

SANTOS, Ana Carolina Antunes. **Quando vestir é mediar: experiência e afeto na e pela roupa**. 82 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2016.

SIMMEL, Georg. **Filosofia da moda e outros escritos**. Lisboa: Edições Texto & Grafia Lta, 2008.

SIQUEIRA, Ronan de Almeida. O garimpeiro no mercado de roupas de segunda-mão no comércio informal em Juiz de Fora. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, v. 01, n. 24, p. 256-273. 2018.

SPINK, Mary Jane. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupa, memória e dor**. 5 ed. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2016.

VASCONCELOS, Eduardo Leite; ÁVILA, Janayna da Silva. A fotografia Insta: a nostalgia pelo meio. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 16, 2014, João Pessoa. **Anais [...]**.

Recebido em: 18/04/2026

Aceito em: 03/07/2026